

Sul e Sudeste dão as cartas

O segundo semestre do ano letivo, que começa em agosto, coincide, na região Norte do Brasil, com o período mais quente do ano — em Manaus, por exemplo, a temperatura é de 40 graus à sombra. No entanto, para cumprir o calendário escolar nacional, baseado nas características climáticas do Sul—Sudeste, os estudantes devem frequentar as aulas sob um calor quase insuportável. Gozam férias nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro, quando a temperatura mais amena certamente facilitaria a vida de alunos e professores.

Este é um bom exemplo dos graves defeitos da centralização, apontada pelo professor João Félix de Carvalho, ex-secretário de Educação do Amazonas, como uma das principais causas da crise da educação.

"Os órgãos estaduais de educação são obrigados a obedecer

a um modelo nacional que impossibilita a implantação de mudanças em atendimento a cada realidade", diz Félix de Carvalho. "Pouca autonomia leva à excessiva burocratização e provoca centralização do poder de decisão no Governo Federal. Com isto, isentam-se as autoridades estaduais e municipais de responsabilidade pela decadência do ensino", raciocina.

Para o professor Ivo Leite Filho, que participa de um projeto especial de educação de segundo grau na Escola Arlindo Andrade Gomes, em Campo Grande, é preciso buscar no primeiro grau as raízes da deficiência geral do ensino.

"O professor decora a matéria a ser dada e o aluno aprende assim, sem saber pensar. A melhor prova disso é que a maior parte do período escolar é consumida com o ensino de Matemática e Português, matérias responsáveis pelo maior índice de reprovação no primeiro semestre da universidade", considera Ivo. Ele diz que a universidade repassa, no primeiro semestre dos primeiros anos, o ensino de segundo grau.